

É necessário reler Althusser?¹

Denis Collin

Doutor e Professor *Agrégé* de Filosofia, Professor Associado à Universidade de Rouen, ensina num Lycée em Evreux, Editor da revista eletrônica www.la-sociale.net, militante dos movimentos sociais franceses, é autor de muitos livros dentre os quais podemos citar, *Les puissances de l'imagination*, *La recherche du bonheur*, *Revive la République ! La matière et l'esprit : Sciences, philosophie et matérialisme*, *Questions de morale*, *L'illusion plurielle : Pourquoi la gauche n'est plus la gauche ?*, *La fin du travail et la mondialisation: Idéologie et réalité sociale*, e dois outros estritamente sobre Marx, *La théorie de la connaissance chez Marx*, *Comprendre Marx*.

Telas esfumaçadas e incensórios. Atos de contrição fingidos, memórias inventadas, desfiles de falsos heróis e de verdadeiros charlatões. O novo funeral de maio de 68, nessas barulhentas comemorações de 2008, enterra evidentemente os pensadores. No entanto, se alguma coisa merece ser retida desses anos, é a profusão intelectual assim como os debates de idéias numa época em que os livros de ciências humanas eram muito disputados. Certamente, essa herança deve ser submetida a um exame crítico e a uma seleção. Assim, dirijamos para aqueles que merecem ter seus livros novamente abertos. Foucault continua na moda. Mas é de Althusser de quem eu queria falar. Tendo pensado e escrito muito para poder me livrar da sedução que a leitura de *Lire le Capital* exercia sobre mim, este olhar retrospectivo se impõe.

Parafraseando Engels e recordando os anos 60, poder-se-ia dizer que ao aparecer *Pour Marx* e *Lire le Capital*, o entusiasmo foi geral e que, por algum tempo, fomos todos althusserianos. Não só os

¹ Tradução de Antonio Pereira Nunes, Revisão de Aldeneide de Almeida Fonseca Maurin, Jorge Nóvoa e Mauro Castelo Branco de Moura.

seus discípulos da Rua de Hulm, mas os outros também, os que não eram nem *normalistas*, nem intelectuais do Partido Comunista Francês, mas que procuravam o caminho de um marxismo renovado.

A decomposição do marxismo, sua esterilização, sua fossilização, sua transformação em vulgata, em ortodoxia, em linguagem estereotipada são temas velhos como o movimento operário. Sorel escreveu sobre a *Décomposition du marxisme* no final do penúltimo século e a luta contra a ortodoxia esterilizante é o tema central do « marxismo ocidental » (Korsch, Lukacs para citar somente os mais conhecidos). Mas a novidade de Althusser é que ele foi o primeiro a afirmar de maneira tão categórica, tão clara que entre Marx et Hegel existe não uma continuidade « dialética » mas uma ruptura central, fundamental – pouco importa que ela seja “epistemológica” ou não - e que, por consequência, é a recusa de levar em conta esta ruptura que faz do marxismo ortodoxo uma ideologia.

Mas esta primeira novidade se multiplica numa segunda, menos conhecida, e menos combatida; Althusser tenta finalmente definir corretamente o estatuto do trabalho de Marx, ou seja, sua relação com a economia política clássica: Marx só se contenta em “corrigir” os clássicos e em completar a teoria ricardiana lá onde ela peca, quer dizer, sobre a questão da mais-valia? Ou bem ao contrário, não terá ele definitivamente posto em causa o estatuto da economia política, ela própria, abrindo assim as portas para um novo terreno do saber? Sobre essas duas questões, como veremos mais adiante, sem dúvida Althusser não deu respostas inteiramente satisfatórias. Mas ele detém o mérito de ter posto o dedo na ferida exatamente onde ela dói, quer dizer, precisamente onde o essencial da tradição marxista se corrompeu.

A dialética de Hegel e a ruptura epistemológica

Com efeito, tudo gira, em primeiro lugar, em torno à questão das relações entre a filosofia de Hegel e a de Marx. A idéia tradicional, a que foi defendida inicialmente por Engels, é a idéia de que se o sistema de Hegel é um sistema idealista, a dialética hegeliana, promovida ao grau de método, vai constituir o centro da nova filosofia marxista. Esta tese é geralmente apresentada conjuntamente à tese da reviravolta: a filosofia idealista de Hegel marcha de cabeça para baixo e Marx a põe sobre seus próprios pés. Ora, Althusser, com razão, recusa estas duas teses - que são, aliás, muito mais metáforas que teses filosóficas. Recusa a oposição entre a dialética hegeliana racional e o seu sistema místico. Isto porque é a dialética de Hegel ela própria que é uma dialética mística – ou mais precisamente, mistificadora, se se leva em conta o texto mesmo de Marx – e à qual a dialética marxiana se opõe radicalmente. Ao mesmo tempo, ele recusa a tese da inversão: a teoria de Marx não é um hegelianismo posto sobre seus próprios pés, muito simplesmente porque o hegelianismo não é, de maneira nenhuma, um materialismo invertido, como considera Engels. Bem ao contrário, a dialética hegeliana e o caráter idealista de seu sistema formam uma unidade indissolúvel. Separar estes dois elementos é não compreender nada da lógica interna da filosofia “deste mestre eminente”. Em momento algum aparece uma exposição da dialética como tal; na *Fenomenologia do Espírito*, a dialética é o movimento que parte da consciência imediata para se desenvolver até a ciência filosófica. Da mesma maneira, na organização da *Ciência da Lógica*, a dialética não é nada mais que o automovimento do espírito. A filosofia da natureza não existe nesta obra senão como o momento negativo, pois a natureza para Hegel, não é outra coisa senão “a idéia sob a forma da alteridade”. E se Hegel reconhece que, empiricamente, a filosofia encontra seu fundamento na física, ele recusa considerar esta origem empírica como uma constituinte do

saber, pois “nessa ciência as circunstâncias prévias não podem mais aparecer como base” (cf. *Enciclopédia* § 246). Para Marx é precisamente o contrário. A “*Deutsche Ideologie*” enuncia que na base do saber estão justamente as “circunstâncias prévias”. Marx faz explodir o sistema da filosofia idealista alemã produtora de “concepções do mundo”, inclusive o sistema de Feuerbach. No lugar onde os filósofos procuravam um princípio único guiando a marcha do universo, Marx procura pôr em evidência não tanto uma racionalidade transcendente, mas uma racionalidade emergente, uma representação provisória e sempre contestada da riqueza da vida real. Feuerbach desmonta o idealismo para reconstituí-lo imediatamente, colocando o homem universal abstrato como origem. Para Marx, ao contrário, a universalidade do homem é o resultado, o acabamento de um processo de socialização; ela emerge através da atividade prática sensível dos indivíduos. À filosofia (essencialmente alemã) idealista ou realista (que Hegel considerava que era a mesma coisa!) Marx opõe uma filosofia nominalista ou atomista.

A filosofia de Hegel não é a de Marx com a cabeça para baixo. Assim para Hegel as diversas esferas (economia, estado, ideologia, etc...) não se articulam umas em relação às outras, não há determinação em última instância; elas não são outra coisa que as manifestações indiferentes de um mesmo princípio espiritual. Em Marx nada disto existe. Não existe um princípio espiritual e sim um jogo de elementos da realidade, uma relação de força entre eles e estruturas sociais produzidas pela ação dos homens combinando-se de forma concreta. Se as reflexões de Althusser sobre esta questão são por vezes confusas e puderam dar lugar a interpretações “estruturalistas” ou “teoricistas”, não é uma verdade menor o fato de que ele levantou uma questão da maior importância, colocando em evidência uma ruptura real que passou despercebida para um grande número de “marxistas ortodoxos”. E isto não

ocorreu sem conseqüência: para o marxismo ortodoxo, a revolução proletária é o desenvolvimento de uma contradição simples que conduz à "negação da negação", à expropriação dos expropriadores. Dito de outro modo, o futuro se acha dado e o papel do movimento comunista é de fazer com que seja para si o que já está em si; o tempo histórico é homogêneo e a ação concreta é nomeada por um futuro já presente. Inversamente Althusser salienta que para Marx não existe homogeneidade do tempo histórico. Marx é o pensador das rupturas, das discontinuidades, da heterogeneidade e, portanto, de uma história que não se acha dada de antemão, mas que resulta de fato de combinações concretas, sempre imprevisas. Em vez de se entregar a um jogo que consiste na apreensão dos desenvolvimentos sociais concretos a um modelo único no qual cada situação real não é senão sua manifestação exterior, Althusser convida-nos a pensar nas especificidades, a analisar as diferenças entre as formações sociais, as diferenças entre as diversas etapas históricas do capitalismo (a supor que exista UM capitalismo..., o que não tem nada de evidente) e nisto ele contribuiu involuntariamente para a desagregação do marxismo ortodoxo, mesmo se de fato ele quisesse preservá-lo.

Por não terem compreendido a natureza e a importância desta oposição entre Hegel e Marx, os marxistas que vieram após Marx reconstruíram, freqüentemente sob o título de "filosofia marxista", um hegelianismo degradado e, a cada um suas honras, a começar por Engels, ele mesmo, que nos textos intitulados *Dialética da natureza*, reescreve a "filosofia da natureza" de Hegel, preconceitos contra o método científico e o "entendimento" nele incluído.

Contudo, Althusser não se contenta em jogar luz na oposição entre Marx e Hegel; ele mostra que a própria obra de Marx é atravessada por uma profunda ruptura. Considera isto num tempo em que a moda da época era o culto ao "jovem Marx" feuerbachiano, cujo humanismo e formas filosóficas deviam

servir de antídoto às fórmulas estandardizadas do estalinismo. Como os únicos textos propriamente filosóficos datam dos anos da juventude, se reconstruiu uma filosofia marxista do jovem Marx e, nessa ótica, passou-se a se considerar os escritos políticos e econômicos da maturidade como simples aplicação dos princípios filosóficos enunciados nos seus escritos de juventude.

Que Marx tenha passado da alienação filosófica à exploração econômica não inquietava a ninguém. No entanto Althusser recusa esta reconstrução *a posteriori* da obra. Longe do desenvolvimento majestoso da ciência filosófica marxista, Althusser mostra as rupturas, as lacunas, as dificuldades da obra em construção. Muita contestação de má fé houve à volta do termo "ruptura epistemológica" com o qual Althusser designa o que separa a filosofia do jovem Marx do que ele reconhece como sendo o marxismo propriamente dito. Contudo, ele não é ruim, pois traduz que existe não só uma evolução das idéias, mudança de posição sobre tal e tal aspecto, mas ainda que esta evolução de idéias seja também uma deslocação do terreno teórico, uma variação da "problemática".

Que esta problemática da "ruptura" seja evidente para qualquer um que se interesse pelo sistema teórico marxiano, eu terei uma confirmação no estudo monumental de Michel Henry sobre Marx. Michel Henry, no campo dos estudos marxianos, se situa em oposição a Althusser para quem tem palavras muito duras. Mas ele demonstra também que houve no seio da obra de Marx uma fratura essencial entre os primeiros textos – os "*Manuscritos de 1844*" estando incluídos - e o que ele desenvolve a partir de 1845. Para além das exegeses, o que é importante aqui é recusar reconduzir Marx a uma continuidade filosófica cujos textos da sua juventude constituiriam uma malha essencial. Antes pelo contrário, com a obra de Marx aparece algo radicalmente novo que não é nem um hegelianismo "posto

de pé", nem a antropologia feuerbachiana revista pela economia política inglesa, nem um produto da receita de cozinha leninista tal qual ela é exposta no famoso texto sobre as "três fontes do marxismo".

O golpe mortal na economia política

Althusser tenta pôr a nu a especificidade do sistema marxiano fazendo uma releitura da obra de maturidade por excelência, *O Capital*. Afirma que é preciso praticar em face da obra de Marx uma leitura do tipo psicanalítico, uma leitura "sintomática", que permita atualizar o não-dito da problemática teórica de Marx. Ou numa palavra, Althusser quer proceder face a Marx, como Marx procedeu com a obra de Ricardo. A menos que se substitua a filosofia pela idolatria, não há nisto nada de repreensível. Althusser mostra de maneira bastante convincente que Marx não corrigiu a economia política clássica. Lendo os clássicos, Smith, Ricardo, os fisiocratas, Marx desloca o terreno. Ele não contesta tal ou qual afirmação particular da economia política, nem mesmo tal ou qual sistema, mas ao contrário ele desvenda o que Althusser chamará, numa das suas formas barrocas que tanto fascinaram ou tanto irritaram, "o não dito da problemática teórica sobre os seus não-objetos". Agindo assim, Althusser vai muito mais longe do que ele próprio supõe.

A maioria dos marxistas sabe que Marx faz uma "crítica da economia política", mas considera esta expressão de uma maneira absolutamente formal: Marx criticaria a antiga economia porque não está de acordo com as suas teses e faria então a proposta de uma nova economia política; um marxista honrado como Ernest Mandel escreveu obras (muito interessantes, afinal) que não hesitou em intitular *Tratado de economia marxista* ou *A formação do pensamento econômico de Karl Marx*. Fazer isto é cometer um erro considerável, porque Marx, se dele fizéssemos um economista, não estaria realmente

em ruptura com a economia política clássica. E assim fazendo Marx, aceitaria e desenvolveria os paradigmas essenciais da teoria liberal como foram formulados por Ricardo e Smith. Enfim e mais precisamente, Marx não é um economista e o seu pensamento não é um "pensamento econômico". Se desde *A Miséria da filosofia* ele diz claramente àqueles que não querem compreender, que as categorias da economia não são senão a expressão teórica das relações sociais, ele acrescentará – e é o *leitmotiv* das grandes obras - que esta expressão teórica longe de desvendar a realidade a torna irreconhecível, transformando as relações entre os homens em relações entre as coisas. É necessário precisar mais ainda. Quando alguém se contenta em falar de relações sociais, pode facilmente cair nas mesmas abstrações da economia política; se faz existir a « sociedade » em si mesma, como uma totalidade já dada. Ora Althusser diz muito justamente que o que constitui o objeto mesmo de *O Capital* é o mecanismo « que faz existir como sociedade o resultado da produção de uma história [...] como sociedade e não como montes de areia, formigueiro, armazém de ferramentas ou simples ajuntamento humano ». Não basta dizer que as relações entre « mercadorias » travestem as relações entre produtores; é preciso também explicar como as relações entre indivíduos podem aparecer como relações acima, fora dos indivíduos, como relações « sociais », à maneira como são produzidos os « efeitos de sociedade ».

Althusser não vai mais longe, prisioneiro que fica do paradigma das « ciências humanas », revistas e corrigidas pelos dogmas estruturalistas da época, mas permite pressentir de que maneira Marx prepara uma verdadeira estocada mortífera na economia política como falsa ciência e ideologia da abstração. Admitindo-se que se trata aqui do momento central da obra marxiana, pode-se medir então a

que ponto o marxismo tal qual ele foi historicamente constituído, se tornou num formidável contra-senso referido ao trabalho de Karl Marx.

Althusser para quê?

Sem dúvida que pelo que acaba de ser lido é possível se compreender que não se trata finalmente de voltar a um “marxismo althusseriano”. Althusser comete numerosos erros quanto ao sentido do texto de Marx. Ele não chega a compreender o que significa a linguagem ainda hegeliana não só do jovem Marx, mas também do Marx dos *Grundrisse*. Althusser o toma ao pé da letra e não pelo que justamente a letra hegeliana esconde. Não compreende que desde a *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, se bem que flertando com a dialética de Hegel, se bem que se conformando ao estilo filosófico dos “jovens hegelianos”, Marx já se havia deslocado para um terreno teórico completamente diferente. Ele havia rompido com a concepção organicista da sociedade que é a marca de fabricação do sistema hegeliano e a de todos os que se inspiram dele. A oposição althusseriana entre o jovem Marx, filósofo humanista e o Marx maduro, científico e anti-humanista não tem sentido nenhum. A oposição real não está entre humanismo e anti-humanismo porque, desde os seus primeiros passos como pensador independente, Marx abandona o humanismo abstrato por um “humanismo concreto” que se identifica com o combate pela emancipação do indivíduo, do homem não como essência eterna, mas como ser social.

A discussão acerca do anti-humanismo althusseriano não tem assim grande interesse. Deste ponto de vista, o ensaio de Luc Ferry e Alain Renaut que amalgama Althusser, Foucault, Derrida, Lacan e Bourdieu sob a denominação de “pensée 68” e de anti-humanismo aparece como um exercício de estilo

bastante afastado do que realmente está em jogo. O humanismo e o anti-humanismo são duas grandes caixas de surpresas de uma visão filosófica bem pobre que evita toda discussão teórica séria em proveito de estereótipos com uma forte conotação sentimental: mais vale ser humanista - todos nós fomos educados no culto do humanismo e das “humanidades” - que anti-humanista, o que deixa adivinhar o frio doutrinário, o tecnocrata ou o tirano disposto a tudo!

O que se chama anti-humanismo althusseriano não é outra coisa senão uma concepção determinista, mecanicista da sociedade, concepção que faz do indivíduo o agente inconsciente das forças exteriores (“o processo sem sujeito nem fim...”) tal como a filosofia hegeliana o transformava em uma parte do organismo social. Não se trata de negar a importância dos sistemas, nem de contestar o papel dos modelos de tipo « estruturalista » na apreensão da realidade social. Mas o estruturalismo - e Althusser se inscreve claramente nesta corrente - faz da estrutura não uma ferramenta provisória do conhecimento, não um procedimento de exposição de uma matéria que o cérebro tenta fazer sua, mas a realidade ela própria; as estruturas aparecem assim como se fossem novos nomes das idéias platônicas. Neste plano, o materialismo althusseriano não é outra coisa senão uma reinterpretação de Marx num sentido fortemente idealista. Quer dizer, Althusser - o Althusser de *Pour Marx*, por exemplo - não é nem mais nem menos anti-humanista que Hegel. A diferença entre estas duas filosofias é essencialmente uma diferença entre os modelos de representação utilizados: no caso de Hegel se trata de um modelo orgânico, conforme à filosofia da natureza desenvolvida pelo mestre de Iene. No caso de Louis Althusser se trata de um modelo combinatório, como o que se pode encontrar nas ciências humanas dos anos 50 e 60. A divergência entre eles não é, pois, assim tão grande como parece.

Portanto, o interesse do trabalho de Althusser reside mais nas pistas que ele abriu no que concerne à leitura da obra de Marx, inclusive em relação às rupturas que ela contém e às filiações que elas pressupõem no interior da história do pensamento. Nada de filosofia althusseriana, mas antes um convite a ler e a reler Marx mais seriamente.